



**O PLANTADOR
DE ABÓBORAS**

LUIS CARDOSO

O PLANTADOR DE ABÓBORAS

(SONATA PARA UMA NEBLINA)

LUÍS CARDOSO

Ilustrações de
ANA JACINTO NUNES



*Instala os teus soldados na terra
e deixa que nela semeiem e plantem*

CH'EN HAO

Primeiro Andamento

Mãos.

Não tenho memória das tuas mãos. Não sei quem sejas. Não sei donde vens. Não sei quem eras antes de entrares nesta casa para me dizeres que gostarias de plantar abóboras. Semeiam-se abóboras. Deitam-se as sementes à terra e que delas nasçam plantas. Em Manu-mutin chove todo o ano. Tanto que até chove dentro de mim. Vivemos debaixo de um chuveiro. E esta permanente neblina que nos cobre como se fosse sumaúma. Plantamos durante o ano inteiro; plantas, pedras, animais, casas e pessoas. Também abóboras. Planto-me nesta cadeira de lona a ouvir o grasnar de um ganso, apesar de desaparecido há tanto tempo, ainda se pode escutar a sua voz, nesta varanda. Como é bom ter uma varanda virada do avesso. Como é bom ter uma varanda virada para dentro de mim. Olho os corredores extensos que me atravessam o corpo por inteiro, de uma ponta à outra. Vejo a sala iluminada que está na minha cabeça. Espreito o quarto escuro do meu coração que não sei onde começa e como acaba. Observo a minha sombra vestida de noiva que passeia pelo jardim de rosas com o seu longo vestido branco, à espera do noivo que provavelmente nunca virá

Ainda queres semear abóboras?

Ou foi algo que te ocorreu dizer para justificares a tua vinda? Não creio que tivesse sido um acaso. Sabias muito bem ao que vinhas. Sabias como havias de proceder. Entraste aqui como se conhecesses os cantos à casa e seguraste as minhas mãos como ninguém havia feito, para me informares de que gostarias de plantar abóboras. Semeiam-se abóboras. Não tenho memória das tuas mãos ou de alguém que me tivesse segurado as mãos desta maneira. Não tenho memória de alguma vez alguém me ter segurado as mãos da forma como o fazes. Não tenho memória de alguma vez quem me segurasse as mãos tivesse realmente mãos. Não tenho memória de ter perdido mãos. Lembro-me de a memória me ter falhado em certas ocasiões da minha vida. Talvez seja este um dos casos. Acontece a qualquer um. Não é nenhuma tragédia. Há quem viva fazendo de conta que não tem memória. Certamente uma grande tragédia

De que noite, tardas?

Estranho homem que se faz chegar quando todos já se foram embora. Aqui em Manu-mutin anoitece antes de todos os lugares. Madruga-se antes de todos os lugares. Durante o dia partilhámos a memória de pessoas e de acontecimentos. Iluminados pela certeza de sabermos quem somos, donde viemos e para onde vamos. Quando chega a noite é a memória que nos separa e nos distingue. Cada um cobre-se com a memória que tem. Faça frio ou calor. É a ela que me agarro, me entrego e entro pela noite dentro. É com ela que sonho, rio ou choro. É com ela que amanheço. Quem muito cedo amanheceu foi o feitor Américo Borrromeu para me informar que tinha de ir-se embora. Estava cheio de pressa. Convidou-me a fazê-lo também. Que devia ir-me embora para não estar aqui sozinha e ser

devorada pela minha memória. Que estou povoada de ausentes. Não dos que foram embora para a cidade de Díli, mas dos que partiram e não se ausentaram. Passaram para o outro lado da neblina onde se movem como num teatro de sombras. Já não fazem sombra a ninguém

Quem sou eu?

(sombra ou fantasma)

Não sei se sou mais sombra do que a minha própria sombra por estar aqui há tanto tempo, sentada nesta varanda, a vê-los partir com latas vazias para as encherem com *mina-rai* ou petróleo no *au-kadoras*, a torneira prometida pelo irmão extraordinário. Foram-se embora, uns atrás de outros. Foi-lhes dito que podiam ficar ricos de um momento para outro. Não precisavam de limpar as matas para que as árvores de café frutificassem. Bastava alinharem-se junto do *au-kadoras* para encherem as latas vazias. Não fizessem ondas, não remassem para o lado contrário ou alinhassem com correntes adversas. Sento-me nesta varanda, virada do avesso e para dentro de mim, a ouvir o grasnar de um ganso que só existe na minha cabeça. Há tanta coisa que só existe na minha cabeça e, todavia, não grasna. Não queiras saber das sombras que ainda povoam a minha memória e irrompem como feras quando chega a noite

Quem és tu?

Estranho homem que me faz um estranho pedido. Tens mãos de quem nunca semeou abóboras. Mãos finas, ágeis e delicadas. Devias ter ficado na cidade de Díli e dar-lhes outra utilidade. Trouxeste-as limpas e preservadas para que me lembre. Tens mãos poupadas, plantadas num corpo antigo. Mãos de enfeite. Mãos de patarata. Não tenho memória das tuas mãos. Não me lembro de alguma vez me teres dado as tuas. Tenho

a memória das minhas. Sei o rasto delas. Gastas pelo labor e devastadas pelo tempo. Mãos que nunca se pouparam a nada. Ao contrário das tuas, as minhas pertencem-me por inteiro. Têm a medida exata do meu corpo. Porventura sabes servir-te das tuas mãos para abrir covas e enterrar lá dentro sementes para que delas nasçam abóboras? Lavramos o solo com mãos e sujamo-las com pó da terra para que do chão cresçam plantas. Removemos com as nossas mãos as entranhas da terra e enterramos lá dentro os nossos sonhos quando morrem para que das cinzas despertem sombras

De que noite tardas, estranho homem?

Que se faz chegar, quando todos já se foram embora. Fizeste o caminho inverso. Cruzaste-te certamente com Américo Borrromeu. Fácil de ser identificado por ser aquele que manca. Mede os passos quando anda. Um pé arrasta o outro. No seu caso, atrasa o outro. O seu defeito é o seu grande álbi. Pode estar em todos os lugares e em nenhum. Enquanto descia, tu subias. Estas escarpas de pedras que fazem de Manu-mutin um lugar agreste. Mas isso é outra história. Trocaram olhares? Acredito que sim. Que disseram mais num relance do que podiam ter dito, um ao outro, com muitas palavras. Foi assim que fizemos durante a ocupação. Embora coxo e manco, Américo Borrromeu estava cheio de pressa de chegar ao seu destino. Numa luta feroz contra o tempo. Passo a passo para não tropeçar no próprio pé. Foram tantos os anos em que andou a mancar no mesmo sítio. Levava com ele a sua lata vazia para encher de *mina-rai* ou o óleo da terra. Também a esperança de que lata a lata e se mais latas enchesse, havia de se tornar rico para ser o dono da fazenda República de Manu-mutin

Também és dono?

De algo onde pudesse constar o teu nome. Uma casa, uma fazenda, uma história e de um lugar reservado no Jardim dos Heróis. Somos um pequeno país que viveu um grande pesadelo e de repente acordou abastado. Não sei se vivemos uma vida de sonhos ou de faz de conta. Nunca abdiquei de sonhar. Tenho a vida que tenho. Todos os dias tenho de fazer contas à vida, dado que não tenciono sair daqui com uma lata vazia, para depois regressar com ela igualmente vazia e, pior do que antes, esvaziada de esperanças. Não me presto ao engano. Muito menos à farsa de outrem. Guardo lembranças do passado que não se ofuscam nem desvanecem com esta permanente exaltação. Sento-me nesta varanda, virada do avesso e para dentro de mim, a ouvir o grasnar de um ganso, creio que ainda continua a ser o mesmo ganso, com a mesma toada de voz, a mesma fúria, sem que tivesse alterado o timbre. Não consigo entender que venhas para as montanhas e para este sítio, num momento em que todos se foram embora com as suas latas vazias para as encherem no *au-kadoras* ou a torneira que haverá de trazer o *mina-rai* do fundo do mar, conforme havia prometido o irmão extraordinário

Também tu, Borromeu?

(que baixou os olhos para não me ver)

Suspeito que a sua saída, ou muito me engano, tivesse que ver com a tua chegada. Deixou as portas abertas para que entrasses. Nunca te vi em Manu-mutin. Não sei quem sejas. Não sei donde vens. Não sei quem eras antes de entrares nesta granja para me dizeres que gostarias de plantar abóboras. Estranho pedido de um estranho homem. Não creio que tivesses vindo de Portugal, Moçambique, Macau, Austrália, Indonésia ou de outro lado qualquer. Lugares de errância para tanta gente que

saiu desta terra. Pergunto quais os lugares da tua errância e de onde vieste. Se de *tasi-balu*, o outro lado do mar, se de *rai-balu*, o outro lado da terra. Mas a forma serena e segura como me olhas e agarras as minhas mãos depreendo que só podias ter vindo deste lado da ilha onde sopra o vento leste. Não te ausentaste durante o tempo da ocupação. Ocultavas-te na sombra de quem protegias e te dava proteção. Observei-te antes de entras nesta granja. Podias ter passado despercebido. Nada fizeste para te ocultares. Tê-lo-ias feito caso fosse necessário. Somos excelentes na arte da dissimulação. Tivemos de nos recorrer a ela para nos protegermos dos ocupantes indonésios. Fizemos o mesmo jogo da dupla face, correndo riscos calculados, sabendo de antemão que no fim se perdermos uma, fosse ela a verdadeira ou a falsa, há de sobrar aquela que nos salvará a face. Foi assim que os ludibriámos. E continuamos a fazê-lo entre nós como se ainda cá estivessem, mascarados com os nossos rostos. Não sorrias, estranho homem, não sorrias!

Fico na dúvida se o fazes com o rosto que tens ou com a máscara com que te proteges. Não sei com que rosto ou com que máscara hei de sorrir se precisasse de o fazer. Não me lembro quando foi a última vez. Nunca precisei de sorrir fosse a quem fosse. Tenho o rosto que sempre quis. Não foram as circunstâncias que o moldaram. Moldei-o com as minhas próprias mãos. Foi com ele que enfrentei, sem nenhuma máscara, a multidão que se aglomerou em Manu-mutin para pedir a cabeça do meu pai e do ganso branco. Também o irmão extraordinário que se despediu de mim dizendo que a Pátria haveria de o absolver de todos os seus pecados. Atrás dele vieram os indonésios. Nem queiras saber o que fizeram os *bapak* enquanto aqui estiveram. Nem queiras saber. Não precisas de saber. Ocorreu-me

pensar que vieste convicto de que havias de encontrar alguém à tua espera. Alguém que nunca em momento algum desistiu de ti quando te davam como morto. Lembravas-te dos seus olhos grandes e pretos e de tanto os serem que pareciam verdes. Agarraste-te às mãos dela

Ainda queres semear abóboras?

Ou foi algo que te ocorreu dizer para justificares a tua vinda? Onde andaste escondido? Não tenho conhecimento da tua existência. Américo Borromeu ter-me-ia dado conta da tua existência, sabendo como sabe de tudo o que se move nas sombras. Nada acontece por acaso. Creio ser este o teu caso. Como todos os acasos que acontecem nesta parte da ilha. Tenho a informar-te que de forma nenhuma estou interessada em contratar outro feitor. Acredito que Américo Borromeu voltará. Coxo, manco ou com uma perna às costas. Acredito que voltará quando o *au-kadoras* ou torneira secar. Só não sei quando

Quem és tu?

(estranho homem que me faz um estranho pedido)

Podias ter feito outro pedido. Que gostarias de plantar cafeeiros. Café, sim, deu muito dinheiro. Aos *malae*, aos *china*, aos *bapak* e aos *liurai*. Também ao meu pai, o autoproclamado comendador da República de Manu-mutin. Lembras-te do meu pai? Como podes lembrar-te dele se já passou tanto tempo. Ele nunca havia de semear abóboras como fazia a sua mãe para lhe dar de comer. Fui eu que por minha própria iniciativa as semeiei com as minhas próprias mãos para dar de comer aos contratados vindos de aldeias remotas para trabalharem na plantação de café. Américo Borromeu fez contrato com as autoridades para que fossem para aqui transferidos trabalhadores rurais. Não vieram sozinhos. Trouxeram

as respectivas famílias e foram-se instalando em Manu-mutin com caráter definitivo nos sítios das suas escolhas consoante as suas conveniências. Não mais quiseram voltar para as suas terras expirado o contrato. Cada um construiu a sua casa sagrada e teceu um novo enredo sobre os seus antepassados míticos. Elegeram um novo chefe de *suku* para os representar que recaiu na pessoa do feitor Américo Borromeu que sabia ler e escrever em português

Quem és tu?

(a pergunta que nunca fiz ao irmão extraordinário)

Foi-me dito que existiam perguntas que não deviam ser feitas por não terem respostas que lhes fossem adequadas. Não foi essa a razão para que nunca tivesse colocado ao irmão extraordinário algumas questões e dúvidas que porventura me tivessem passado pela cabeça. Ele tinha tanto para pensar que de modo nenhum gostaria de ser confrontado com assuntos de somenos importância. Sobretudo num momento em que a relevância era a Pátria e não o que cada um pudesse pensar acerca do outro. Fiz-lhe as perguntas, colocando-as a mim própria, em busca de respostas, fossem elas adequadas ou não. Guardei-as para mim. Fechadas a sete chaves. Entre nós, sempre houve uma certa distância. Mesmo nos momentos mais íntimos havia um muro de silêncio que nos separava. O nosso diálogo era medido pelo tempo que cada um levava a manter o seu silêncio. O meu era grave e povoado de perguntas e de dúvidas que tinha a seu respeito. Sem eu esperar por isso, resolveu quebrar a cerca da sua altivez e, para me pôr à prova, fez-me a pergunta tão insólita quanto surpreendente

Queres mesmo saber quem sou eu?

(como se tivesse adivinhado o meu pensamento)

Fiquei muito incomodada com a sua questão. Que tivesse adivinhado todas as perguntas que havia colocado a mim própria a seu respeito. Pior seria se tivesse acesso às respostas. Nada me revelou. Ignorou-as ou por estarem todas erradas ou por não ter adivinhado nenhuma. Se tivesse sido essa a hipótese ficaria mais aliviada. Mas também se podia colocar uma outra que tivesse fingido ignorar para me dar a entender que nada sabia e, no entanto, tudo sabia. Ele que de tudo tinha conhecimento. Nada escapava ao seu controlo. Inclusive da pessoa que servia em minha casa e sabia de tudo. Espreitava para dentro de mim, neste poço fundo a que se dá o nome de alma, através do detalhado relatório que lhe fazia o feitor Américo Borromeu. Hesitei em lhe dar a resposta. Talvez nem precisasse por já saber de antemão tudo o que me pudesse passar pela cabeça. Sabia que podia ficar arreliado com o meu atrevimento. Ninguém o podia colocar em questão com perguntas que o obrigassem a responder. Enchi-me de coragem e disse-lhe que me afirmasse ele próprio, quem achava que era Quem sou eu?

Surpreendido com o meu atrevimento, deu uma gargalhada sonora que me fez estremecer dos pés à cabeça. Deu um pontapé numa das minhas pinturas sobre o mesmo ganso branco para me mostrar o seu desagrado. Notou o meu pavor e, para me pôr em causa, perguntou-me se li o livro vermelho dos pensamentos do camarada Mao Tsé-Tung. Disse-lhe que não. Sabia lá quem era a pessoa. Sabia quem era o Sun Tzu, nome que fora dado a um ganso branco que retratei num dos meus quadros e que ele acabara de lhe desferir um golpe de karaté. Era o pássaro que fazia a guarda desta propriedade. Se ainda estivesse vivo certamente que não lhe permitia o mau comportamento.

Dei-lhe guarida e merecia respeito. Nunca lhe devia ter dado concessões para que se comportasse assim comigo. Tendo-se servido da minha hospedagem, do meu leito e do meu corpo, deixei de ter interesse. Deu outra gargalhada que não teve em mim o mesmo efeito. Talvez tivesse sido essa a razão por que me pediu para que permanecesse de pé, em vigília, enquanto alinhava numa folha limpa breves notas com que tencionava explicar aos camaradas de luta a razão de ter renunciado ao partido que havia criado nas matas de Timor. Deduzi pela pergunta que me fora feita que fosse o efémero Partido Comunista (marxista-leninista-maoista) que teve uma breve existência. O vento o trouxe e o vento o levou. Vento leste.

Permaneci em pé pela noite dentro até ficar exausta. As minhas pernas cederam ao cansaço e tombei ao chão. Deslizei suavemente como uma folha seca. Podia ter-me amparado para evitar a minha queda, mas não o fez. Ficou impávido e sereno como se me quisesse punir pelo facto de ter levantado uma questão que mais ninguém ousaria fazer. Exausta, fechei os olhos. Tudo me parecia andar à roda como uma bola. Pedi a alguém que era como se fosse a sua sombra, os seus olhos e as suas mãos para me ajudar a levantar-me do chão

Não foste tu?

(ou então o feitor Américo Borrromeu)

Senti o seu forte cheiro de animal acossado quando se aproximou novamente de mim para me cobrir com um *tais*. O meu fiel aconchego. Ele sabia como eram frias e húmidas as madrugadas de Manu-mutin. Há muito que andava escondido dos soldados ocupantes que o queriam apanhar, vivo ou morto. Em minha casa encontrou abrigo e aconchego no meu leito e nos meus braços. Apagou a luz do candeeiro e deitou-se ao

meu lado. Passou-lhe pela cabeça que já estivesse rendida ao sono e, sem fazer nenhum ruído, levantou-se da cama. Antes de se ir embora sussurrou aos meus ouvidos com a sua voz grossa e arrastada “A Pátria me absolverá!” Que a Pátria haveria de o absolver de todos os seus pecados. Tinha essa convicção. Aliás foi a sua convicção que fez que me tivesse esquecido de tudo, inclusive do meu noivo, para lhe entregar tudo o que achava ser do seu merecimento. Havia uma chama que ardia dentro dele que até empolgava as pedras e as árvores. Nunca mais me procurou. Não foi pela falta da chama, dado que tem andado numa roda-viva. Talvez da luz que vi no autorretrato que executou enquanto aqui esteve hospedado. Apagou-se-lhe em face dos sucessivos transtornos em que se meteu quando quis ser o único dono da galinha dos ovos de ouro. O passado é um lugar estranho quando se sai dele como se nunca lá tivesse entrado. Também não interessa a ninguém quando serve apenas de passadeira vermelha para o desfile de vaidades

De onde vens?

Não creio que tivesses vindo, mandado por ele, recolher as suas pertenças. Não guardei nenhum livro vermelho dos pensamentos de Mao Tsé-Tung e, quanto ao seu autorretrato, a que deu o significativo nome de “O Salvador”, está muito bem guardado. Não está exposto em lado nenhum. Como podes verificar pelos teus próprios olhos, os quadros que estão pendurados nas paredes são da minha autoria e têm a assinatura de Bellis Sylvestris, nome que me fora dado pelo meu noivo. São desenhos que foram feitos por mim do ganso branco que guardava esta granja. Fi-los todos de uma assentada, uns atrás de outros, sem pausa nem horas de sono, como se quadro após quadro

buscasse a imagem perfeita do pássaro branco, que fosse o meu autorretrato

Quem és tu?

(estranho homem que não sei vindo de que tempo)

O visitante devia ser a primeira pessoa a fazer a sua apresentação. Observei-te antes de entrares na minha propriedade. Sabias muito bem ao que vinhas pela forma serena como olhavas em redor e o modo leve como pisavas o chão. Sendo um estranho, nada te era estranho; a granja, a casa e a história da República de Manu-mutin. Ter-se-ia passado pela tua cabeça que a dona disto tudo podia ser uma doida varrida? Não me importo nada com o que de mim queiram pensar. Trouxeste-me as mãos para que faça a leitura da história da tua vida. A minha está estampada no meu rosto e nas minhas mãos. Não há enganos. Deitei fora o meu vestido branco manchado com o sangue do meu pai. Não sou mais a noiva mutin de Manu-mutin. Lembro-me de passear assim vestida pelo jardim de rosas que circunda esta casa quando havia luar. Aqui as rosas nunca murcham. Mudam de cor, mas nunca de sabor. Continuam amargas. Mastigo-as, como quem tritura *bua*, *malus* e *ahu*, os condimentos da masca, para que a minha memória se mantenha fresca. A única coisa que ainda mantenho fresca

Ainda queres semear abóboras?

Ou foi algo que te ocorreu dizer para justificares a tua vinda? Preferes continuar em silêncio enquanto aguardas que te devolva a memória das tuas mãos. Hábeis, finas e delicadas. O passado não se adivinha. Nem se conserta. O futuro, sim. Acabaste de lhe virar as costas quando decidiste subir estas montanhas para vires ter comigo. Em vez de procurares na cidade de Díli uma forma hábil e fácil de te enriqueceres, como

fizeram todos aqueles que abandonaram as suas terras e decidiram abandonar Manu-mutin com as suas latas vazias, vieste ter comigo para me dizeres que gostarias de plantar abóboras. Estranho pedido de um estranho homem. Nunca alguém enriqueceu a semear abóboras. Café, sim, deu muito dinheiro. Aos *malae*, aos *china*, aos *bapak* e aos *liurai*. Também ao meu pai, o autoproclamado comendador da República de Manu-mutin Manu-mutin?

(o pássaro branco)

Que só apareceu muito mais tarde. Também tardaste a aparecer quando todos os que estavam escondidos nas matas deram a cara. Irão dizer que enlouqueceste por teres vindo até à fazenda da noiva mutin de Manu-mutin para lhe pedir se podias plantar abóboras. Semeiam-se abóboras. Aqui em Manu-mutin plantamos durante o ano inteiro; plantas, pedras, animais, casas e pessoas. Planto-me nesta cadeira de lona a ouvir o grasnar de um ganso do qual apesar de ter desaparecido há tanto tempo, ainda se pode escutar a voz nesta varanda, virada do avesso e para dentro de mim. Não tenho memória das tuas mãos. Estranhas as tuas mãos que seguram as minhas como ninguém havia feito. A seu tempo e à medida que me apresento também o serás. Cruzando o enredo das nossas vidas saberemos se alguma vez as nossas mãos, por um acaso qualquer, se cruzaram no passado. Calculo que seja o propósito da tua vinda a Manu-mutin

O ganso branco?

(que só apareceu muito mais tarde)

No princípio eram os galos. Galos de todos os tamanhos, de todos os feitios e de todas as cores. A história deste país também se pode resumir nesta frase: da paixão, da morte e da

ressurreição de galos. Dão-se nomes de galos aos valentes e às localidades; Manu-fahi, Manu-tasi, Manu-mera, Manu-metan, Manu-mutin. Fiquemos então por esta última, cuja história assenta num equívoco. Começamos pelo princípio. No princípio eram os galos de todas as cores e tamanhos. Galos que nunca se vergaram a nada. No princípio eram os galos que lutavam entre eles só com esporas por causa das galinhas. Acharam que seriam mais valentes do que outros se lutassem com lâminas afiadas para saberem quem havia de ficar com as galinhas todas. O *liurai* da capoeira. Foi o que fizeram durante muito tempo. Anos, décadas, séculos. Por fim, exauridos de tanto lutarem entre eles, cansados das lutas, exaustos de tanto se matarem uns aos outros para nada, descobriram que só seriam valentes se conseguissem expulsar os galos estrangeiros. Quando se viram a sós, voltaram a lutar entre eles, só com esporas, por causa das galinhas. Armaram-se de lâminas numa luta feroz para saberem quem havia de ficar com a galinha dos ovos de ouro. Ganhou o galo extraordinário, o mais vistoso, de penas brilhantes e lustrosas, por ser astuto e por se ter preparado melhor com as manhas do tempo em que lutavam contra os galos estrangeiros. Passou a ser o dono da capoeira. Nunca mais outro galo cantou

Quem és tu?

A pergunta que te ocorre fazer. Quem sou eu? Meu pai, o pequeno *malae-metan* e autoproclamado comendador da República de Manu-mutin, era filho de um antigo expedicionário que veio de Moçambique por causa da revolta promovida pelo régulo Boaventura de Sotto Mayor no ano de 1912 na sequência de outras com intervenção do seu pai, Dom Duarte. Reza a lenda transmitida oralmente que foram os soldados

africanos que inverteram o curso da guerra a favor das autoridades. Causavam pavor aos supersticiosos nativos por serem destemidos e por causa da cor das suas peles. Eram tão escuros que facilmente se dissimulavam nas suas próprias sombras. Apareciam e sumiam no mesmo instante. O conflito havia-se prolongado de uma forma interminável e havia o perigo de se alastrar a todo o território como uma labareda. Foi quando os *malae-mutin* de Portugal se lembraram de trazer os *malae-metan* de Moçambique. Landins, assim eram denominados por quem os trouxe, por causa da estranha língua que falavam e da invulgar ferocidade com que intervinham no teatro da guerra. Da Índia vieram os mancebos de boas famílias que sonhavam visitar a metrópole uma vez terminado o conflito. Os voluntários do Império. Ofereceram-se pela recompensa se saíssem vivos da guerra. Foi-lhes prometida uma visita à metrópole. O sonho de todos os voluntários do Império. Eram ingênuos, fracos e imberbes que acharam por bem poupá-los ao combate dado que tinham os africanos que, sem receio, entravam pela mata dentro que nem os súbditos dos reinos leais ousavam fazer. Todas as guerras têm um princípio e um fim. Algumas demoram mais tempo do que outras. Também a de Manu-fahi durou o tempo suficiente para que dela se lembrassem gerações futuras. O importante era que nunca se esquecessem da sua própria história que havia de ser diferente da que fora contada pelos que estavam no outro lado da barricada. Cada um glorifica os feitos dos seus heróis

Manu-metan?

(o galo preto que era o meu avô)

Lembro-me de ter ouvido cantilena do feitor Américo Borromeu, provavelmente o fazia para lançar farpas ao meu

pai e que dizia assim: “se o *malae-mutin* veio de *tasi-balu*, o outro lado do mar, onde o sal refina mais branco, o *malae-metan* veio de *rai-balu*, o outro lado da terra, onde o sol torra mais preto”. Embora nos seus versos atribuísse ao sal e ao sol a causa da diversa pigmentação das peles dos estrangeiros vindos da Europa e da África, a diferença media-se pelo caráter e qualidade das pessoas, independentemente de terem vindo do outro lado da terra ou do outro lado do mar. Um é o outro lado do outro. Não há mar que não acabe em terra. Não há terra que não entre pelo mar adentro

Asuwain?

Ele era o *asuwain* ou o valente galo preto por ter participado e saído com vida da guerra, graças à sua valentia e à cor das suas penas pretas. Metia medo aos supersticiosos animistas por não saberem de que parte da terra teria vindo. Se lhes dissesse que veio de África tanto lhes fazia, haviam de continuar a acreditar na mesma se afirmasse que veio do interior da terra. Não creio que para ele a guerra tivesse acabado no dia em que a deram como finda após a rendição do *liurai* Boaventura de Sotto Mayor. Quis conhecer o homem que ostentava nome aristocrático de *malae-mutin* de Portugal e a quem as autoridades teriam dado uma fortuna para o capturar vivo ou morto. Ficou impressionado com a sua postura altiva, embora se tivesse humilhado vindo a depor as armas. Lembrou-lhe Gungunhana. O último imperador moçambicano. Não lhe pedia que tivesse de lutar até à morte. Fê-lo quando teve de o fazer em defesa da sua própria honra e da dignidade do seu povo. Que a ele não o matariam por ser um troféu de guerra. Valia mais vivo do que morto para servir de lição aos que ousassem revoltar-se contra o poder colonial. Esperava-o o desterro em Ai-pelo, lá para

os lados da fronteira. O sítio para onde mandavam os rebeldes que, após se terem rendido e, ao abrigo dos muros da prisão, haviam de ficar sem a pele e o pelo.

Meu avô, Raimundo Chibanga, fez o que teve de fazer na altura própria para se manter vivo. Preparava-se para também fazer a sua rendição. Havia cumprido a sua missão e com vida. Foi-lhe oferecida uma espada para que cortasse a cabeça a uma mulher rebelde para dar início à celebração da vitória. O seu último golpe, o de misericórdia. Como era muito robusto não precisava de mobilizar todas as suas capacidades para o fazer. Muito menos perante alguém que se apresentava numa situação de extrema debilidade por causa das doenças e da fome. Muita fome. Olhou para a espada e para a mulher. Ambas finas e cortantes exibindo cada uma a sua luminosidade. A espada com a sua lâmina brilhante e a mulher com os olhos cintilantes, enquanto a multidão o incitava

Corta!

De modo nenhum tencionava fazer o que lhe pediam, estava decidido a ir-se embora, deixou de ser útil depois de ter cumprido a sua missão. Veio de longe, lá de muito longe, enfiaram-nos no porão do navio, amontoados como o carvão que posto na fornalha fazia mover o barco. Também os meteram nesta fornalha para fazer a guerra, finda a qual foi-lhes dito que era da tradição local os vencedores cortarem as cabeças aos vencidos que depois as penduravam nas estacas para afugentarem os inimigos. Rejeitou. Oferecessem a espada ao *liurai* de um arraial qualquer que fora arregimentado por causa da sua lealdade. Havendo tantos que nunca pegaram em armas ou entraram em sublevações e certamente gostariam de o fazer, terminado o conflito, para renovarem

as suas lealdades depois de terem a certeza sobre quem havia saído vencedor

Corta!

(assim exigia a multidão)

Olhou para a espada e para a mulher cujos olhos brilhavam, desfeita em súplicas para que fizesse o que lhe pedissem e acabasse rapidamente com a tormenta de estar à espera da sua decisão, que foi adiando na esperança de que se calassem, cansassem de gritar, a guerra havia terminado, como esperavam que fosse acontecer com a vinda dos soldados africanos. Demorou tanto tempo, mais do que suficiente para que cada um pudesse soltar os seus fantasmas. Uma pessoa carrega tantos dentro de si, quantos trazes dentro de ti?, certamente que te livraste de alguns pelo caminho, dos mais pesados, incómodos, para te sentires leve no corpo e na alma, quando decidiste subir as veredas e estas montanhas para vires ter comigo e pedires que te deixe plantar abóboras

Abóboras?

Podias ter feito outro pedido. Não dizer que ficaste louco de vez. Por teres vindo à procura da louca, a noiva mutin de Manu-mutin. Mas voltemos aos tempos em que era o tempo dos galos. A mulher era tão frágil, solta e leve como uma pena que nenhuma lâmina havia de conseguir atravessá-la. Avançou então para a multidão enfrentando-a com os olhos bravos, que estava farto da guerra e atirou a espada para o chão. Pegou-a pelos braços, aconchegou-a junto ao seu peito, salvando-a dos gritos da multidão que continuava a reclamar: corta! Pediam que a mulher lhes fosse imediatamente devolvida, uma vez que havia renunciado participar no cerimonial. Era alguém que lhes pertencia

Quem és tu?

Não sei quem sejas. Não sei donde vens. Não sei da tua pertença. Não sei a que recompensa renunciaste, quando voltaste as costas a quem protegias as costas e subiste estas veredas para me fazeres saber que gostarias de plantar abóboras. Duvido que saibas semear alguma coisa. Agora que as tuas mãos deixaram de pegar em armas pergunto o que vais fazer com elas? Não matarás!, diz a Bíblia. Não vais precisar de o fazer novamente. Deixa-me ver as tuas mãos. São ágeis, finas e delicadas. Tens mãos caladas e silenciosas. Lavadas. Cada um lava-se na ribeira e limpa-se com o que tiver à mão. Não traz indícios de terra ou sangue. Não sei que segredos encerram. Quantos segredos guardam as tuas mãos? Não precisas de responder. Se alguma vez fizeste quando te foi pedido

Cor...taaaaaaaa!

(uma voz grossa e arrastada)

Certamente que foi ao serviço da Pátria. A Pátria me absolverá!, continuo a ouvir esta frase na minha cabeça dita pela mesma voz grossa e arrastada e creio que absolveu tudo e todos, menos esta descrença que tenho da Pátria, não falo mais da Pátria e pronto. Não creio que tivesses vindo mandado por ele para fazer um ajuste de contas. Não fui eu que o denunciei. Ele andava fugido no meio de um círculo restrito, traiçoeiro e perigoso que mais dia, menos dia, podia ser apanhado se uma bala não lograsse imortalizá-lo como aconteceu ao grande Nicolau Lobato que não renunciou ao combate. Também não renunciei a nada. Fui ao combate e deixei que me despisse do meu vestido branco de noiva sujo de sangue do meu pai, tomou-me como uma dádiva dos entes sobrenaturais como recompensa por causa do seu extraordinário esforço em prol da Pátria

A Pátria me absolverá!

Disse-me na noite em que se foi embora e nunca mais o vi. Continuo a viver no mesmo sítio e sentada nesta mesma varanda virada do avesso e para dentro de mim. Daqui vejo o mundo. Não sei se do avesso. Não sei se sou eu que estou do avesso ou se é o mundo. Provavelmente sou eu por ter deitado fora o meu vestido branco de noiva com que passeava no jardim de rosas à espera do meu noivo que não quis aparecer, quiçá por ter medo de mim, da minha loucura. Fez-me chegar pedido através do feitor Américo Borromeu para aconchegar em minha casa o irmão extraordinário, o tempo que fosse necessário, até me convencer a despir o meu vestido branco de noiva manchado com sangue do meu pai. Depois de ter feito o que tinha de fazer, despediu-se de mim dizendo

A Pátria me absolverá!

(com a sua voz rouca e arrastada)

Não sei se alguma vez te absolverei, a ti não, ao meu noivo, que foi quem o acompanhou até esta casa para que lhe desse abrigo e aconchego enquanto o procuravam nas matas. Ficou lá fora de vigília, exposto ao frio, ao sol, ao vento ou chuva, para que nada de mal lhe acontecesse e, se fosse preciso, havia de dar a sua vida por ele. Remeteu-se para as sombras, roído de remorsos e de ciúmes, que a sua renúncia era o seu sacrifício pela Pátria. Não sei se alguma vez te absolverei, a ti não, ao meu noivo, que não quis aparecer e cedeu a sua vez a outro para que me despisse do vestido de noiva sujo do sangue do meu pai. Uma horrenda e terrível lembrança. Também para me despir da loucura. Essa roupa invisível com que muitas vezes trajam as almas.

Mas voltemos aos tempos em que era o tempo dos galos. Aquela mulher devia ter ficado com a alma depenada e as entranhas reviradas depois de ter sido salva por quem a devia sacrificar. Nunca havia passado pela sua cabeça que Raimundo Chibanga a quisesse proteger como se fosse o seu anjo da guarda. Um anjo negro contra toda a lógica da doutrina e da propaganda religiosa que dizia que para se ser anjo tinha de ser alto, louro e de olhos azuis. Ele era negro. Só tinha dentes fortes e brancos que mostrava quando sorria. Meu pai dizia com graça que o grande *malae-metan* gostava de sorrir. E foi a sorrir que anunciou que iria ficar nesta terra para sempre. Iria lutar com todas as suas forças para fazer dela a sua mulher e desta terra um local onde pudessem viver

Mas onde?

(em qualquer lado)

Ela não havia de se importar se a quisesse levar como sua refém (tinha a certeza de que a trataria sempre bem como a uma rainha, depois de a ter salvo) para a sua terra, África ou *rai-balu*, o outro lado da terra, lá muito distante, para lá da bruma, onde o sol arde com mais força e queima a pele. Que a levasse para longe desta turba que insistentemente continuava a gritar

Corta!

(não a dela, mas a do seu protetor)

A ela fizeram saber que devia cumprir a tradição de vingar os seus mortos. Ninguém podia renegar os seus antepassados, ausentes, mas cientes das suas importâncias e das suas imposições. Que se lembrasse de que se não lhes satisfizesse as exigências e não lograsse pagar-lhes tributos ou doações em dinheiro, *belak* e *mutisala*, havia de sofrer represálias ou ser afastada do círculo íntimo de proteção. Deixavam-na ao

abandono e entregue à sua própria sorte. Nunca se sabe o que pode acontecer a uma pessoa quando se está por sua própria conta. Fica à mercê de qualquer um. Que Raimundo Chibanga não era o anjo bom que ela julgava que fosse. Durante o conflito armado foi implacável. Não teve pena nem compaixão com nenhum elemento rebelde. Quando lhe pediam que fosse misericordioso não o foi. Havia de o fazer novamente numa outra guerra. Tantas as guerras que se fazem nesta terra. Uma para limpar a outra. A última será aquela que nos absolverá de todas as outras

Quem és tu?

Não sei o que te move, se é a paz ou se é a guerra. Não creio que vieste para que te absolva dos teus pecados e te lave as mãos e a alma. Mas voltemos aos tempos que era o tempo dos galos. A ela foi-lhe pedido que sendo filha desta terra teria de vingar os seus mortos. Ele estava nas suas mãos. Se a poupou da morte não o fez por ser benevolente, mas por vontade expressa dos antepassados. Esperavam que fosse executar a sentença quando ele se deixasse adormecer nos seus braços depois de terem feito aquilo. Nunca em momento algum lhe mostrou vontade de fazer aquilo. Nem ele. Apagou-se-lhes em face dos acontecimentos que tiveram lugar em Manu-fahi. Pedissem outra coisa menos a morte de uma pessoa que a poupou da morte. Talvez o aroma do café logo pela manhã

Queres café?

Pergunto-te se queres café. Lembro-te que Manu-mutin é conhecida pelo seu aromático café. Raimundo Chibanga apresentou-se às autoridades para dar conta que não queria voltar mais para a África. Queria ser plantador de café. Não tinha nenhuma vontade de viajar novamente enfiado no porão

do navio. Na vinda, para encurtar o tempo e, para se esquecerem das precárias condições em que viajavam, foi-lhes pedido que entoassem em voz alta cantos de bravura, pranto e de louvor aos deuses e antepassados e eles recusavam que só haviam de cantar se acendessem fogueiras no mar. Nunca vi fogueira no mar a não ser em sonhos. Labaredas que vinham do fundo do mar e ardiam dentro de mim como lavas. Quem comandava o navio não queria fogueiras para nada, no mar não podia ser, estava fora de questão acender fogueiras no mar, muito menos no navio, com receio de que atizando as fogueiras, convocassem as lembranças de revoltas antigas como a última que fora protagonizada por Gungunhana

Mas onde?

(num lado qualquer)

Deram-lhe a escolher um terreno de um desses maiores a quem cortaram a cabeça no rescaldo da celebração da vitória. Havia de lhe servir para retirar da terra o que dela precisasse. Não foi bem assim que os maiores dos reinos leais fizeram. Retiraram tudo o que havia de valor das casas sagradas e levaram como despojos de guerra. Deixaram as propriedades ao abandono sem ninguém para as cultivar. Ela quis convencê-lo da inconveniência de uma ocupação por ausência forçada do dono. Mais cedo, mais tarde, os espíritos haviam de vir reclamar as terras pelo uso indevido e expulsá-los da granja. Sorriu com a sua ingenuidade. Ele, a quem por respeito e veneração chamaram de *manu-metan* que não teve medo dos vivos, muito menos havia de ter dos mortos. Propunha dar utilidade às propriedades que haviam sido abandonadas por causa da guerra. Tantas as terras que foram abandonadas de tanta gente que foi morta. Sonhou possuir uma terra e torná-la produtiva, indo

*Na palavra abysmo, é a forma do y
que lhe dá profundidade, escuridão, mistério...
Escrevê-la com i latino é fechar a boca do abysmo,
é transformá-lo numa superfície banal.*

Teixeira de Pascoaes

Edição #111

Lisboa, Novembro 2020

Ilustrações e logótipo convidado Ana Jacinto Nunes

Revisão J. Leitão Baptista

Composto em caracteres Sabon sobre Coral Book Ivory 100 g

Caderno das ilustrações em couché mate 150 g

Capa em cartolina cromo 260 g

Composição Undo

Impressão e acabamento Rainho & Neves, Lda.

Depósito Legal 476 948/20

ISBN 978-989-9014-12-1

abysmo

Rua da Horta Seca, 40, r/ch

1200-221 Lisboa

www.abysmo.pt